



CONFIGURAÇÕES IMAGINÁRIAS ACERCA DO EROTISMO

Patrícia Cardoso ¹

Daniel de Oliveira Gomes ²

RESUMO

Este trabalho faz um estudo acerca da história do erótico como imagem cultural na sociedade; mais especificamente, o erotismo como questão no autor Georges Bataille, a partir desta experiência de pesquisa investe-se num estudo das histórias em quadrinhos eróticas. Seria implausível tentar nomear todos os autores de histórias em quadrinhos, dessa maneira, são analisadas algumas das “configurações imaginárias” de canônicos autores de quadrinhos considerados eróticos dentre eles, destacamos; Nico Rosso, Guido Crepax, Robert Crumb, Milo Manara e Eleuteri Serpieri.

Palavras-chave: “Erotismo;” “Bataille;” “quadrinhos eróticos”.

1) EROS: A BUSCA E A FUGA

Várias são as especulações sobre o tema erotismo e muitas são as suas contradições mítico-sociológicas. Nesse artigo, tentaremos não buscar uma única definição, pois seria uma ilusão tamanha decifrar este fascinante enigma, tentaremos sim incitar o leitor a percorrer diferentes trilhas nesse campo do erótico, partindo de uma experiência de pesquisa de onde prosseguirá um estudo sobre o erotismo nas histórias em quadrinhos.

Existe um amplificamento dos conceitos de erotismo e da obscenidade, desde os campos da publicidade e das imagens capitalistas do presente. Dentre muitas razões, vemos atualmente a exploração do tema sob a alta busca de lucratividade, onde se gira em torno do comércio e da visibilidade libidinosa. O Eros que, sob perspectivas tanto bataillanas quanto de muitos outros autores, é algo tão sublime associado aos desejos primários da subjetividade, seja pragmática e/ou filosoficamente, passa a ser subentendido como de natureza simples e vulgar, tornando-se, sem motivos louváveis, estratégia de exploração capital, massivamente emocional (a não ser quando se reserva à procriação, no sentido religioso). Ou então, o Eros é, na acepção convencional de obsceno, “vítima de uma aversão doentia da sociedade ao corpo”, tal como diria Susan Sontag (1987, p.61).

¹ Graduação em andamento em letras português e literatura. Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/2265531293148258>

² Licenciado em Letras pela Universidade Estadual de Ponta Grossa - PR - UEPG. Mestre (bolsista CAPES) e Doutor (bolsista CNPq) em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina -SC - UFSC. Estágio sanduiche de doutorado em Paris (bolsista CAPES). Professor adjunto A na Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO - Paraná -

Michel Foucault, por sua vez, trabalhará um mapa da sexualidade em “História da Sexualidade”, onde o sexo é mostrado como uma instância de leis e coações que diferenciam os indivíduos. O discurso da sexualidade teria começado no século XVIII e se intensificado no séc. XIX, sendo aplicado sobre os prazeres e as relações corporais entre as pessoas. Isso tudo, até a psicanálise nos trazer o problema do inconsciente como questão ligada à sexualidade (*Microfísica do Poder*, 1999, p.243-293)”.

Na concepção do filósofo George Bataille, o erotismo está relacionado com a morte. O erotismo é muito mais profundo do que se é dito por aí, é a sensação de atingir o ser mais íntimo, de se abrir para a continuidade, como diz Bataille. É o momento onde dois seres formam um, trata-se de um sentimento que supera tudo e, ao mesmo tempo, não excede o que temos de mais primitivo. É quando o êxtase e o transbordamento amoroso se associam à solidão e ao autoconhecimento, humano e bestial, ao mesmo tempo. Bataille parte da teoria de que somos seres descontínuos que possuímos a “nostalgia da continuidade”, o que comanda o erotismo. Dessa forma, pode-se dizer que é a eterna busca de algo que nos complete que nos torne contínuos, enfim que nos torne “um”. Ainda para Bataille, para abrir-se à continuidade necessariamente precisamos morrer, a morte seria “a ruptura da descontinuidade individual” (BATAILLE, 2004, p. 31).

Tal reflexão faz lembrarmos do que Aristófanes diz em “O banquete”, o qual nos conta a história do surgimento de Eros. No início mitológico, a humanidade era composta de três sexos, masculino, feminino e andrógino. Os seres andróginos eram redondos e possuíam quatro mãos, quatro pernas, duas faces, dois genitais, quatro orelhas e uma cabeça. Esses seres se tornaram cada vez mais fortes e provocaram a ira de Zeus, que decidiu cortá-los em duas partes. Esses novos seres mutilados e incompletos passaram a procurar eternamente suas metades, foi daí que se originou Eros, o desejo de unir-se novamente de se completar.³

É certamente esta noção que transparece no discurso de Bataille, quando diz que o erotismo se articula em dois movimentos opostos, à busca da continuidade dos seres humanos e a fuga, a impossibilidade de superar a morte. O escritor também nos fala que “somos seres descontínuos, indivíduos que morrem isoladamente em uma aventura ininteligível, mas temos a nostalgia da continuidade perdida”. (BATAILLE, 2004, p. 25-26)

³ “Muitas são as lendas míticas sobre o surgimento de Eros. Uma delas seria que ele teria nascido ao mesmo tempo em que a Terra, gerado a partir do Caos primitivo. Outra versão nos diz que Eros teria nascido do Ovo primordial gerado pela Noite, deste Ovo dividido deu origem ao Céu e a Terra. Além de assegurar a continuidade das espécies, Eros também mantém a coesão interna do Cosmo. Para Diótima, a iniciadora de Sócrates, o Eros é um “gênio” intermediário entre os deuses e os homens, que está sempre insatisfeito e inquieto. Vários são também os mitos em relação à sua genealogia, a mais conhecida é a de Eros como filho de Hermes e Afrodite. Nessa versão ele é apresentado sobre a forma de uma criança, geralmente alada, onde atira suas lanças para perturbar e apaixonar os corações. Muitos poetas e pintores imaginam Eros como uma criança travessa que é posta de castigo por sua mãe. Mas por trás desta criança frágil existe um deus que pode desferir, ao sabor da sua fantasia, golpes cruéis e por isso pode ser temido por muitos.” (GRIMAL, 1997, p.148-149).

2) EROTISMO E PORNOGRAFIA

Freud já afiançava que a sede de saber, a ânsia pelo conhecimento é uma busca intrínseca da curiosidade sexual. A busca e a fuga, eroticamente, precisam ser aqui explicadas e, ao debatermos sobre erotismo, neste momento, seria relevante mostrar a sua distinção usual com relação à pornografia.

Segundo Lúcia Castello Branco, no início do século XIX na Inglaterra, era considerado pornográfico tudo aquilo que estivesse embutido um caráter moralizante, com o intuito de corromper a moral dos jovens, tudo o que fosse chocante e corruptor, já na América, era considerado pornográfico, tal como cenas que exibissem pessoas ou animais mantendo relações sexuais. Pornografia como conceito ligado ao escarcéu bestial.

É interessante observar que desde então muita coisa continua igual, continuamos regidos por leis ambíguas e subjetivas. “Leis que talvez demarquem os limites de nossa conduta social, mas certamente não controlam a ousadia de nossos desejos” (CASTELLO BRANCO, 1984, p. 18).

A compreensão e análise da pornografia estão repletas de valores, ideias e normas de condutas num grupo social em determinado momento histórico. A pornografia pode ser considerada variável porque se restringe a determinado tempo e local, delimitado também a questão de religiões, costumes etc. Enquanto Eros é o mesmo sempre.

São, portanto, perigosas e parciais quaisquer tentativas de compreensão e análise da pornografia que não contextualize o fenômeno, ou seja, que não considerem os valores, as ideias e as normas de conduta em vigor no grupo social e no momento histórico em que determinada obra ou determinado comportamento foram considerados pornográficos. (CASTELLO BRANCO, 1984, p.18).

Através disso, deparamo-nos com a corriqueira noção de pornografia como vulgar e grosseiro, já erotismo, nobre e grandioso, entre sexo explícito e sexo implícito e de se igualar sexo e nudez a pornografia.

No sentido etimológico, a palavra vem do grego *pornos* (prostituta) e *grafo* (escrever), em outras palavras designa a escrita da prostituição ou o comércio do sexo (ABREU, 1996). Talvez seja este um dos motivos de como ela é vinculada, de modo mais amplo, à libertinagem associada ao dinheiro, nos dias de hoje. É considerado erotismo aquilo que liga indiretamente à sexualidade. E na pornografia, a prioridade seria o consumo e o lucro.

Na pornografia, temos de certa forma de compactuar com as ideias e conceitos passados, estabelecidos. Para sentirmos prazer, é necessário adquirir os seus valores, estereótipos. Diferentemente da pornografia, o erotismo proporia o

gozo como fim em si mesmo (assim como a arte dos quadrinhos é a realização do prazer pelo prazer, e logo trataremos do assunto dos quadrinhos), seu objetivo maior é o prazer erótico sem estar veiculado a outros objetivos. Para ter prazer não depende do pacto com a ideologia que ela quer transmitir. (Ver em: CASTELLO, 1994).

Não é por acaso que muitos quadrinhos são considerados pornográficos e não eróticos, porque o objetivo de impor valores e “vender” a mercadoria supera o objetivo estético, do prazer pelo prazer. Não podemos esquecer-nos de outro elemento fundamental que encontramos no mito platônico e na teoria de Bataille: o erotismo é a união dos seres à sua ordem natural, à sua totalidade, no segredo, enquanto a pornografia é a mutilação dos seres, no gozo parcial, superficial e solitário.

Em nossa cultura ocidental, o erotismo tornou-se algo profano desde o pecado original, porque pecamos, comemos o fruto proibido, dessa forma, ficamos condenados à morte no erotismo. Estamos fadados a morrer para viver. “Pode ser um desejo de morrer, mas é ao mesmo tempo o desejo de viver até os limites do possível e do impossível com uma crescente intensidade” (BATAILLE, 2004, p. 239).

Pode-se mirar esta questão conceitual do erotismo versus pornografia, simplificando assim como o faz May, ou seja, entendendo a diferença entre o sexo como sendo o alívio da tensão, da busca, versus amor como sendo um cultivo, uma maior fomentação da própria busca.

Sexo pode ser definido de maneira adequada em termos fisiológicos. Eros, pelo contrário é a vivência das intenções e o significado do ato. Enquanto sexo é ritmo de estímulos e resposta, Eros é um estado do ser. A finalidade do sexo é gratificação e o alívio da tensão, enquanto Eros apresenta o desejo, a ânsia e a eterna procura de expansão. Sexo em suma é o tipo e relacionamento caracterizado pelo intumescimento dos órgãos (para o qual buscamos um alívio prazeroso) e o enchimentos das gônadas (para o qual buscamos um alívio satisfatório). Mas Eros é o modo de um relacionamento no qual não procuramos alívio e sim cultivo, procriação e formação de um mundo (MAY, 1979, p. 80).

O erotismo está interligado à atividade sexual, porém tratada de forma diferente da pornografia que é só o sexo como um fim, já o Eros ultrapassa a necessidade física consistindo numa manifestação de desejos como um todo.

Outro autor que também analisa o erotismo em confronto com a pornografia é Nuno Cesar Abreu. Segundo o autor, em um livro que analisa o erotismo em correlação com o cinema, a distinção entre obras pornográficas e eróticas situa-se sobre a problemática questão de distinção de cultura de massa e cultura erudita, onde caímos na simplória rotulação de erótico como sendo relativo à sexualidade com teor “nobre” e pornográfico tudo o que apresentar um aspecto “grosseiro”. (1996, p.40)

Nuno Cesar Abreu nos apresenta duas tentativas de delimitação “‘técnico-mercadoológica’, são nomeados *hard core* as obras consideradas pornográficas que se caracterizam pelo excesso de exposições sexuais explícitas. E nomeia-se ‘*soft core*’ as produções consideradas eróticas, aquelas marcadas pelo sexo implícito, onde é encoberto” (ABREU, 1996, p. 41).

3) O EROTISMO E OS QUADRINHOS

Feito um imperfeito avanço especulativo em torno do erotismo como um conceito ligado à imagem e ao consumo visual, nos dias de hoje, vamos ao universo dos quadrinhos propriamente dito. Assim como em toda leitura, o hábito de ler quadrinhos vem enfrentando uma crise, isso se deve ao grande avanço tecnológico. Com o surgimento da televisão, do computador e da internet tudo se tornou mais fácil e ágil. Também, o gênero “quadrinhos” em si vem enfrentando uma crise ocidental no sentido de uma popularização mundial dos “mangás” que estão substituindo o interesse do público.

Em consequência dessa crise, foi somente na década de 1960 na Europa, que os quadrinhos passaram a entrar no universo acadêmico. A partir de então, o gênero quadrinhos começa a ter um maior reconhecimento, além de muitos benefícios, inclusive científicos. A sua linguagem passa a ser meio de comunicação internacional, deixando de certa maneira o mundo mais unido.

Outro grande causador da crise nos quadrinhos é a concepção das pessoas em pensarem que as histórias em quadrinhos são materiais de consumo infantil. Muito pelo contrário, os quadrinhos abrangem um universo ilimitado e para isso devemos compreender esse complexo universo dos quadrinhos.

Mc Cloud, um dos maiores críticos dos quadrinhos, também fala que um dos fatores para tamanha desvalorização dos quadrinhos seja o fato de que há muitos anos se mantêm separadas as diversas literaturas como a arte do desenho e a prosa. Quando vemos juntas são consideradas “diversão para as massas”. (MC CLOUD, 2007, p. 140.)

Ainda na visão de Scott Mc Cloud, subtende-se que essa separação tenha sido o motivo de muitos terem abandonado a leitura, pois, quando crianças, nossas literaturas são enfeitadas com pouquíssimas palavras e cheio de figuras; à medida que crescemos, os desenhos vão sendo postos de lado até chegarmos ao livro sem quaisquer figuras. O resultado é que muitos deixam de ler, dando o lugar a todo charme e glamour do cinema. Esse resultado foi tão grande que hoje os quadrinhos são uma das poucas formas de comunicação em massa.

Muito é falado sobre os quadrinhos, mas poucos realmente sabem o que eles são. Para Scott, a definição de quadrinhos seria “imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada”. (MC CLOUD, 2007, p.4). Will Eisner usava o termo arte sequência para descrever histórias em quadrinhos, ou seja, uma simples gravura individual não passaria disso. Mas, quando apresenta uma sequência, a arte

se transforma em arte dos quadrinhos. (MC CLOUD, 2007). Tal definição não leva em questão outros meios como: estilo, qualidade, assunto, gênero, etc. Dessa forma, podemos dizer que até mesmo os vitrais das igrejas encenando cenas da bíblia, os diagramas, podem ser reconhecidos como histórias em quadrinhos.

Bataille diz que o erotismo só é considerado se levarmos em consideração o homem. Dessa maneira, as histórias em quadrinhos não podiam deixar de abordar o corpo, que é um meio de interação entre o homem e o mundo.⁴ É interessante saber que a corporeidade, e com ela o erotismo, está presente em toda parte nos quadrinhos, vejamos que o primeiro contato é sempre sensual mesmo que implicitamente. Perguntemo-nos se: ler quadrinhos será em si mesmo sempre um gesto de intimidade e corporeidade? Dizia Moacir Cirne, por exemplo: “Todo grande poeta e todo grande escritor (seja ficcionista, seja ensaísta) carregam em sua escrita uma doce sensualidade, não necessariamente erótica ou erotizante, mas de tal forma aberta ao prazer da leitura que se faz abstração poética.” (CIRNE, 2000 p. 109).

A comunicação que se faz entre a obra e o leitor de quadrinhos são nitidamente eróticos. Talvez isso explique a mítica do leitor apaixonado por quadrinhos, todo o universo do submundo quadrinesco que se opera no corpo do leitor. Ao lermos os quadrinhos passamos a fazer parte deles, somos aquele personagem, desejamos aquele personagem-herói e estamos além de realizar o erotismo preenchendo uma forma icônica. Nós é que damos vida aos quadrinhos, o qual precisa da nossa participação para funcionar, caso contrário, não passam de simples imagens com inscrições, cenas, fragmentos, desordens. Ao ler e visualizar os quadrinhos, aguçamos sentidos, sensibilidades distintas de um convencional ato de leitura textual-literário, ou seja, fazemos parte da história, manipulando folhas onde a relação traço-forma-conteúdo ganha potência, e desejamos tornarmo-nos parte daquele aprazível contexto corporativo.

Ressaltamos que ainda não estamos diretamente falando dos quadrinhos eróticos, não é necessário mostrar o sexual para ser erótico. O erotismo ultrapassa o sexual e, mesmo que não notamos, ele está presente em todo lugar nas nossas vidas. Desde as mais simples ações, estamos sempre, essencialmente, colocando Eros em evidência, como ao escolher a roupa que combine com a ocasião, colocar um perfume, um adereço etc. Sofremos todos, de uma essencial agonia do desejo, somos seres fundamentalmente desejantes. Não nos aprofundaremos filosoficamente nisso. Interessa-nos aqui ver como os quadrinhos eróticos viriam a

⁴ Aqui, seria interessante ver este fragmento - do artigo “De comportadas a sedutoras: representações da mulher nos quadrinhos” - "(...) Os quadrinhos constituem uma poderosa via de expressão do corpo, tanto no momento da construção – o corpo do artista, que desenha arte-finaliza ou colore as histórias; como no da representação, por meio das imagens dos personagens que participam das histórias, e, por fim, no corpo do leitor, cujos sentidos captarão, a seu modo, os símbolos representados.(...)” (Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/131/127>).

ser um gênero específico que nos ajuda a observar esta atração ao mais extenso do conceito de erótico.

Antes de ser um animal racional, o homem é um ser desejante, constantemente sedento e quase sempre insatisfeito. Nada há no universo o que o preencha ou o complete (...) o que é causado pela perda de algo, cuja natureza o próprio homem desconhece, o que evoca a nostalgia de uma conjugação completa. (NUNES FILHO, 1994, p.18).

Considera que o erotismo é tudo o que torna a carne desejável, tudo o que mostra o seu brilho em seu desabrochar, tudo o que desperta uma impressão de saúde, beleza, de jogo deleitável; enquanto a obscenidade rebaixa a carne, associa a ela à sujeira, às doenças, às brincadeiras escatológicas e às palavras imundas. (ALEXANDRIAN, 1983, p.8).

4) A ARTE DO EROTISMO NOS QUADRINHOS

Num universo tão amplo como o dos quadrinhos, seria implausível tentar nomear todos os autores de histórias em quadrinhos, dessa maneira, veremos alguns autores com alto valor literário e estético, que problematizam o erótico.

Segundo Cirne, “erotismo é como não dito capaz de revelar, de forma sensível quando se manifesta através da arte, o lugar do (mal) dito”, que seria a pornografia sem eficácia literária ou artística. (CIRNE, 2000, p. 17). Vários estudiosos dizem que para se entender o erotismo é preciso conhecer a poesia, os seus mais íntimos segredos, a mais profunda sensualidade, a grande emoção amorosa. Vejamos o que diz Octavio Paz: “Poesia e erotismo nascem dos sentidos, mas não terminam neles. Ao se soltarem, inventam configurações imaginárias – poemas e cerimônias” (CIRNE, apud PAZ, 2000). A título de um rol, breve e incompleto, vejamos, agora, algumas dessas “configurações imaginárias” de canônicos autores de quadrinhos considerados eróticos e de determinado valor poético:

5) NICO ROSSO: “NAIARA”



Figura 1 – Quadrinho “Naiara” de Nico Rosso. Disponível em:
<http://hqqadrinhos.blogspot.com/2009/10/naiara-1967-by-helena-fonseca-nico.html>

Como a maioria dos autores eróticos, a obra de Nico Rosso teve início na década de 1960. Observamos em sua obra o que o filósofo Georges Bataille nos fala da relação de terror e atração:

Aproximando-me do momento em que o horror me agitará a dor dos outros, ou a minha, não somente pode me chegar ao estado de alegria deslizando até o delírio, como também não existe forma de repugnância da qual eu não distinga a afinidade com o desejo. Não que o horror se confunda coma atração, mas se ela não pode inibi-lo, destruí-lo o *horror reforça a atração* (BATAILLE, 2004, p. 42).

A personagem Naiara, uma das mais famosas de Nico Rosso, é uma vampira muito singular, considerada um verdadeiro símbolo erótico seus quadrinhos deixam transparecer dois lados distintos e indispensáveis no erotismo; o da atração erótica e a relação de terror.

Na concepção de Bataille o interdito intimida, mas a fascinação introduz a transgressão. São dois movimentos fundamentais no erotismo, a personagem Naiara que poderia ser um modelo de horror causa atração. Dessa forma, podemos dizer que o erotismo situa-se num terreno de contradições e ambiguidades, como diz Abreu:

(...) o sentimento de transgressão que revela o prazer, e ele está intrinsecamente relacionado à proibição. Desse modo, a exposição do obsceno seria uma verdadeira celebração do prazer (igual ao desejo) que, preso nas armadilhas das interdições, se liberta na forma de transgressão. O conteúdo pressuposto do erotismo é a ultrapassagem de limites (...) (ABREU, 1996, p. 25).

Em relação à tira acima, vemos claramente a ênfase da protagonista da história, preenchendo quase todo o quadrinho. Tal destaque já nos dá indícios da sua sensualidade com suas roupas provocantes e seus cabelos loiros que dão um efeito fascinante.

6) GUIDO CREPAX: “VALENTINA”

Guido Crepax é um autor erótico italiano, muitos dizem que ele influenciou outros autores eróticos como Manara e Serpieri. Suas fantasias são lembradas e causam inspirações até hoje.

“Valentina” é uma das personagens mais importante dos quadrinhos eróticos. Foi uma das primeiras personagens a apresentar ideais feministas, mostrando-se determinada e ousada, ao contrário de suas antecessoras que faziam o “papel de donzelas”.

Nossa protagonista é uma fotógrafa descolada que vive uma vida em grande êxtase com suas fantasias e fetiches além de apresentar uma dose de bissexualismo, autoerotismo e sadomasoquismo.



Figura 2 - Quadrinho “Valentina” de Guido Crepax. Disponível em: <http://www.lecturalia.com/blog/2009/05/24/valentina-de-guido-crepax/>

Percebemos também nas histórias em quadrinhos de Guido Crepax o seu estilo em preto e branco com uma iluminação predominante no branco, iluminação que marca a estética da voluptuosidade: “uma voluptuosidade que não é só sensual, é também formal” (CIRNE, 2000, p.163).

Seu traço enfoca na expressão do desenho nos proporcionando uma “leitura múltipla e simultânea” e ao mesmo tempo muito realista (CIRNE, 2000, p. 163).

7) ROBERT CRUMB: “FRITZ THE CAT”

Robert Crumb é um autor erótico americano, ficou conhecido por seu “humor corrosivo” e seu quadrinho mais famoso é de “Fritz the Cat”, onde apresenta um gatinho muito diferente do que estamos acostumados a ver. Este é debochado e revolucionário e se envolve nas maiores aventuras eróticas possíveis.



Figura 3 – Quadrinho “Fritz the Cat” de Robert Crumb.

Trata-se de um erotismo humorístico e satírico, sobretudo de obras marcadas por traços de ironia e ainda segundo Castello Branco:

“(…) por lançar mão de termos nada nobres e nada cultos (os chamados termos chulos, palavrões) propõem a perenização do gozo erótico, a fusão amor/humor, o exercício do prazer pelo prazer, ideias que vão frontalmente de encontro às regras da sociedade repressora que vivemos” (1984, p. 57).

Robert Crumb também faz uso do estilo branco e preto, o quadrinho acima apresenta tons escuros e fortes, nos remete a um lugar sombrio fora da luz do dia, iluminado somente por uma televisão. Há também predominância em cores mais acinzentadas, além de apresentar um ambiente de sujeira e bagunça.

8) MILO MANARA: “BÓRGIA”

Milo Manara possui uma forte influência de Moebius, além de ser considerado herdeiro de Crepax, pelos seus movimentos de desenho



Figura 4 – Quadrinho “Bórgia” de Milo Manara. Disponível em:
http://sensacoesoniricas.blogspot.com/2010/11/milo-manara-alejandro-jodorowsky-borgia_11.html

Muitas vezes os quadrinhos de Manara são considerados pornográficos por muitos leigos, por apresentar cenas picantes e polêmicas como acima. Vejamos que não há como confundir sua obra como pornografia:

(...) o que predomina é a delicadeza do traço, a sensibilidade no uso da cor, a influência narrativa, o provável espanto diante de situações provocadoramente mirabolantes de uma trama até certo ponto frágil, não pelo erotismo em si, mas pelo que contém de superficial em seu núcleo temático, embora, para a fantasia o delírio (gráfico e/ou narrativo) nada é impossível. (CIRNE, 2000, p.124)

Por mais que as cenas sejam picantes, elas não se vulgarizam. Manara consegue ultrapassar o pornográfico, como no quadro acima, com seus traços delicados, seus cabelos perfeitos, seus detalhes nos faz sentir e tocar as formas.

9) ELEUTERI SERPIERI: “DRUNNA”

Novamente observamos a presença marcante da mulher. Drunna é a personagem mais famosa de Eleuteri Serpieri. Considerada um grande símbolo erótico dos quadrinhos ela se apresenta como uma mulher com o corpo perfeito, o qual possui certa plasticidade nos seus atributos.



Figura 5 – Quadrinho “Drunna” de Eleuteri Serpieri. Disponível em: <http://www.amazon.com/Druuna-2-Paolo-Eleuteri-Serpieri/dp/2908406632>

Serpieri consegue em seus quadrinhos criar uma expectativa de desejo que não é apenas visual, mas também mental. A representação do ato sexual no seu quadrinho, de maneira alguma poderia ser pornografia, pois enquanto na pornografia tudo se é mostrado sem dificuldade, no erotismo há todo um mistério a ser desvendado como acontece no quadro acima.

Além disso, ficamos fascinados com sua pintura tão original que muitas vezes parecem fotografias, notamos seu estilo detalhista nas formas de seus personagens, cada detalhe realça ainda mais a exuberância de seus quadrinhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho vimos que os quadrinhos é um meio de comunicação aberta a todo tipo de representação artística e expressão ideológica.

Um desses meios que foi destacado é o erotismo, tema polêmico, mas muito constante nos quadrinhos. Como diz Bataille nunca o homem conseguiu excluir a sexualidade, a não ser de modo superficial.

O intuito desse trabalho de pesquisa não foi de forma alguma tentar desvendar esse precioso enigma que é o erotismo, mas sim incitar o leitor a percorrer este campo e a ter uma melhor visão sobre este tema visando compreender o erotismo como força pulsante na arte, o qual é muitas vezes não é compreendido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Nuno Cezar. *O olhar pornô: A apresentação do obsceno no cinema e no vídeo*. Campinas, SP – Mercado de Letras, 1996.
- ALEXANDRIAN, *História da literatura erótica* [Alexandrian; tradução de Ana Maria Scherer e José de Mello – Rio de Janeiro: Roço, 1993.
- ANDREAS-SALOMÉ, Lou. *Reflexões sobre o problema do amor e o erotismo.* Lou Andreas-Salomé; [tradução Antonio Daniel Abreu]. São Paulo: Landy Editora, 2005.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo* [Georges Bataille; Tradução de Cláudia Fares - São Paulo: Arx, 2004.
- CIRNE, Moacy. *Quadrinhos sedução e paixão*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CRUMB, Robert. *Fritz Cat*. Robert Crumb; Tradução de Alexandre Matias – SP: Conrad Livros, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Grall: Rio de Janeiro, 1979.
- GRIMAL, Pierre, "Eros". Dicionário de Mitologia Grega e Romana, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p.148-149.
- MC CLOUD, Scott. *Desvendando os quadrinhos*. SP: M. Books, 2007.
- MILLER, Frank. *Sin City*. A dama de Vermelho. SP: Pandora Books, 2000.
- MORIN, Edgar. *Amor, poesia, sabedoria*. Edgar Morin; tradução Edgar Assis Carvalho, - 4º Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- MOYA, Álvaro de. *História da história em quadrinhos*. Porto alegre: L &PM, 1986.
- SADE, Donatien Alphonse François, conde de. *Os crimes de amor*. Marquês de Sade; tradução de Magnólia Costa Santos – Poto Alegre: L&PM, 2000.
- TRAMONTE, Rodrigo C. *Quadrinhos e crítica social*. 2003, 77. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Artes Plásticas) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- Disponível em: <http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tdebusca/arquivo.php?codArquivo=1067>. Acessado em julho de 2010.
- Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0085-1.pdf>. Acessado em julho de 2010.
- Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n20/n20a03.pdf>. Acessado em outubro de 2010.

Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/pgneolatinas/media/bancoteses/marineslima-cardosodoutordo.pdf>. Acessado em: outubro de 2010.

Disponível em: <http://www.ceart.udesc.br/PosGraduacao/revistas/2003/2003/kellyn/kellyn.htm>. Acessado em: novembro de 2010.

Disponível em: <http://www.historiainagem.com.br/edicao5setembro2007/06-historia-hq-jarcem.pdf>. Acessado em: novembro de 2010.

SETTINGS IMAGINATIVELY ABOUT EROTICISM

ABSTRACT: This paper is a study of the history of erotic and cultural image in society, more specifically, eroticism as a matter of the author Georges Bataille, from this research experience investing in a study of erotic comics. It would be implausible to try to name all the authors of comics in this way are considered some of the "imaginary settings" of canonical authors of erotic comics considered among them point out, Nico Rosso, Guido Crepax, Robert Crumb, Milo Manara and Eleuteri Serpieri.

Keywords: "Eroticism," "Bataille," "erotic comics" .

Recebido em 28 de agosto de 2011; aprovado em 12 de setembro de 2011.